

**SEMINÁRIO "AFRICANIAS INSTALAÇÃO DAS LÍNGUAS  
KIMBUNDU E KIKONGO NA UNEB"**

**A INSERÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUAS ANGOLAS NO SISTEMA  
DA UNeb - Graduação e Extensão**

**Por AMÉLIA ARLETE MINGAS**

**BRASIL/SALVADOR, 011**

Excelentíssimos

Dr. Aramis Ribeiro da Costa, Presidente da Academia de Letras da Bahia,

Prof. Doutor Lourivaldo Valentim, Magnífico Reitor da UNEB

Dr. Cornélio Caley, Vice-Ministro da Cultura da República de Angola

Senhor Representante do Governo do Estado Federal da Bahia

Prezado Dr. Camilo Afonso Costa - Director do Centro Cultural de Angola

Caros Colegas,

Minhas Senhoras, Meus Senhores

## **Introdução**

Uma vez mais não podemos deixar de felicitar a Universidade da Bahia, na pessoa do seu Magnífico Reitor, Dr. Aramis Ribeiro Costa e da Professora Doutora Yeda Pessoa, pela organização deste Seminário que se reveste de importância crucial, na medida em que vai tornar possível inventariar a contribuição das línguas angolanas no enriquecimento da língua portuguesa neste espaço.

Com prazer nos encontramos, nesta linda cidade que, segundo o Presidente Lula - "é a capital do maior Estado africano do Brasil" - para celebrar, efusivamente, a introdução do estudo do kikongo e do kimbundu na UNBE, um feito para nós necessário e notável, na medida em que

através dele, uma parte significativa do Povo brasileiro, formada pelas Associações de "Quilombolas" e de "Candomblés", sentir-se-á, finalmente, participante incontornável na edificação de uma maneira diferente de os Brasileiros estarem no mundo e de o pensarem.

Esta decisão da Uneb consubstancia duas variáveis importantes, porquanto, no que respeita ao Brasil, o estudo destas línguas viabilizará uma melhor compreensão das mensagens transmitidas e veiculadas por estes dois grupos; no que toca a Angola, essa formação permitirá aos seus investigadores e estudiosos explicar e confirmar muitas das hipóteses avançadas relativamente a dados sobre as suas línguas locais, maternas.

As línguas angolanas, como é do conhecimento geral, não foram, durante muito tempo, objecto de quaisquer descrições científicas e eram, por excelência, utilizadas tão-somente ao nível da linguagem oral. Em consequência, o seu estudo científico, porque iniciado somente após a independência, reclama alguns ajustamentos e as respostas a essa premência estarão, seguramente, no falar que caracteriza os grupos supracitados.

A premissa, que acima avançamos, pode parecer estranha, mas ela advém do que facto que na área da linguagem religiosa, algumas das comunidades brasileiras puderam conservar, até aos nossos dias, uma

*língua cristalizada*, porque utilizada por um grupo restrito de locutores e em ocasiões especiais: reuniões das Comunidades religiosas. Partindo do pressuposto que o seu isolamento limitou o processo de evolução, relativamente ao que acontecia com essas línguas no País de origem das mesmas. Por esta razão esse Falar está capaz de responder às nossas incertezas e constituir resposta cabal a hipóteses avançadas.

### **As línguas kimbundu e kikongo e seu ensino a nível superior**

A variedade linguística que caracterizava a sociedade colonial angolana, aliada ao esforço de impedir a comunicação entre os seus habitantes, durante o período colonial, possibilitou e potenciou a emergência, em muitas das línguas angolanas, de variantes ou seja, diferentes modos de falar as línguas em presença. Pese embora esta circunstância, elas mantiveram uma harmonia no que respeita as suas estruturas, o que tem permitido a realização de estudos e investigações esclarecedoras. Estão neste grupo o kimbundu e o kikongo, de que apresentaremos alguns dados.

### ***a.- O kimbundu***

A língua kimbundu tem relevância histórica sob o ponto de vista económica porquanto foi no seu espaço que era recolhida a primeira moeda utilizada nas trocas comerciais entre os responsáveis do Reino do Congo, o *(n)zimbu*). Por outro lado, esta foi a língua materna de Assis Júnior, Joaquim da Matta, integrantes do primeiro grupo de Angolanos que contestaram a dominação colonial e produtores de obras importantes para a investigação desta língua.

### ***b.- O kikongo***

O kikongo, por seu lado, foi a língua utilizada em relações comunicacionais de várias ordens porquanto, garantia o contacto intra e interétnico entre vários Reinos, de que salientamos o Kongo, o Ngoyo, o Kakongo e o Loango. Mas era também a língua utilizada nos contactos entre os dirigentes do Reino do Congo e as potências colonizadoras e Vaticano.

Actualmente, as diversas variantes desta língua são faladas nas Repúblicas de Angola, do Congo, Democrática do Congo e Gabão. Nesta perspectiva, estamos certas que o conhecimento dela facilitará quaisquer contactos entre o Povo brasileiro e os dos países supra citados.

Estas duas línguas, com outras quatro, nomeadamente, o *umbundu*, o *oxikwanyama*, o *cokwe* e o *mbunda*, foram, através do Instituto Nacional de Línguas, objecto de estudo e descrição científica, implicando a elaboração de gramáticas e de léxicos especializados cobrindo diversas áreas do saber.

O trabalho realizado pelo Instituto serviu de base ao fomento de condições humanas e materiais para o surgimento, ao nível da Universidade Agostinho Neto de cursos de licenciatura, tendo como objectivo a formação de técnicos capazes de garantirem por um lado, a formação de docentes para as línguas locais angolanas e, por outro, estudiosos que promovessem a descrição das restantes línguas faladas no País. É assim que, no Instituto Superior de Ciências da Educação "ISCED", em Luanda, foram criados os cursos de licenciatura em línguas e literaturas Africanas.

Nesta perspectiva, foi dada prioridade ao ensino de disciplinas ligadas, basicamente, à descrição linguística, a saber: fonética, fonologia, morfologia (derivacional e flexional) e sintaxe.

Pensámos que estariam assim criadas as condições para e efectivação de análises contrastivas, possibilitando aos alunos angolanos, a destriça entre a especificidade das suas línguas maternas, relativamente à

portuguesa, a única língua utilizada como objecto de estudo e meio de transmissão do saber no país.

Nesta ordem de ideias, um dos problemas a aprofundar foi a inexistência de flexão ao nível do verbal nas línguas bantu o que, na língua portuguesa, constituía uma obrigatoriedade.

Por outro lado, a não existência nas línguas angolanas de conotação sexual relativamente ao género, criava dificuldade aos seus locutores, quando forçados a fazerem acordos de géneros, donde a formação de frases como "meu mãe", "meu primo Júlia".

Outra dificuldade constatada na linguagem oral, liga-se à utilização sistemática da próclise pronominal em exemplos como "me deram uma banana", "me contaram uma história", advinda da estrutura da língua materna em que o complemento objecto precede, sempre o verbal correspondente, como em "wa ngi bane kúdyá" correspondendo a "*mim deram comida*".

Estamos convictos que uma parte da história, da cultura e das línguas angolanas está escondida algures no Brasil e vice-versa em Angola. Por conseguinte estamos cientes que o trabalho conjunto que a nossa cooperação permitirá poderá trazer à luz a interdependência existente

entre o Brasil e Angola no que respeita a história, às línguas, à nossa Vida,  
enquanto seres que pensam e criam ciência.

**MUTIO OBRIGADA PELA ATENÇÃO DISPENSADA**